Acervo ISA

Documentação
SOCIOAMBIENTAL
Fonte Zero Hora
Data 23/9/96 Pg
Class. 12

JUX JORNAL
ZERO HORA
PORTO ALEGRE - RS
PUBLICADO EM:
23 SET 1996
0 4226 8097 287 7

COMÉRCIO GENÉTICO (1)

Pesquisa com sangue indígena gera protesto

A oferta de uma empresa dos EUA que, via Internet, vende amostras do código genético de índios brasileiros está gerando reação de alguns setores científicos. Hoje e amanhã, ZH mostra como ocorre o comércio genético, a controvérsia e exemplos de uso do material coletado.

CLARINHA GLOCK (*)

Comunidades indígenas e pesquisadores de todo o mundo estão protestando contra instituições norte-americanas que obtiveram amostras de sangue e de DNA (material genético) de índios para estudos científicos. No mês passado, pesquisadores brasileiros denunciaram a venda pela empresa americana Coriell Cell de amostras de DNA dos índios karitiana e suruí, de Rondônia, e de material genético de outros grupos por meio da rede mundial de computadores Internet. A onda de protestos se deve ao receio de que laboratórios adquiram amostras de células dos índios, identifiquem um gene relacionado com alguma doença e patenteiem a descoberta genética para fins terapêuticos com objetivos comerciais.

No Brasil, a denúncia foi feita pelo biólogo e antropólogo Carlos Coimbra, da Fundação Oswaldo Cruz, e pelo pesquisador Ricardo Santos, do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em artigo publicado pelo Instituto Socioambiental, organização não-governamental brasileira. Não são citados índios do Rio Grande do Sul. A comercialização de material genético foi negada pela direção da Coriell Cell.

Richard Mulivor, diretor do Coriell Cell Repositories (CCR – centro que armazena DNA de várias populações), disse a **Zero Hora**, por telefone, que a empresa não tem intenção de explorar ninguém e não almeja lucros. Os interessados apenas pagam pelos custos de embalagem e envio do material.

O Coriell Cell Repositories está ligado ao Instituto Coriell para Pesquisa Médica. Foi fundado por um grupo de institutos de saúde com o objetivo de desenvolver, armazenar e tornar disponíveis recursos biológicos para cientistas profissionais interessados em descobrir genes causadores de doenças e em fazer mapeamento genético.

A coleção de Diversidade Humana do CCR, que inclui o DNA dos índios brasileiros, contém cem tipos de amostras. Entre elas, cinco são dos indígenas karitiana e cinco dos suruí.

Segundo Mulivor, essas amostras chegaram ao CCR por meio do médico Ken Kidd, da Universidade de Yale, nos Estados Unidos. Eram parte de uma coleção maior pertencente à coleção das universidades de Yale e Stanford. Segundo Mulivor, as amostras foram coletadas por antropólogos que desenvolveram "um bom relacionamento" e estudaram os índios do território brasileiro.

Mulivor diz que o banco da Coriell Cell tem servido inclusive a brasileiros, como Sérgio Pena, do Departamento de Bioquímica da Universidade Federal de Minas Gerais. Pena é representante da Organização do Genoma Humano e presidente do Comitê Sul-americano do Projeto de Diversidade Genômica Humana. Graças ao material armazenado pela empresa americana, o cientista brasileiro conseguiu células de 20 a 30 pacientes para desenvolver um estudo sobre o cromossoma Y e provou que os índios do continente americano tinham um mesmo ancestral. "Se não houvesse o banco de amostras, talves eu demorasse anos para conseguir o material", confirma Pena.

Francisco Salzano, professor do Departamento de Genética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), concorda com Pena. "A ciência progride num ritmo extraordinário", justifica. "Além disso, grupos indígenas podem desaparecer." Se cada vez que os cientistas precisassem coletar novo material genético tivessem de retornar às reservas indígenas, o trabalho se tornaria inconveniente e dispendioso. Pena e Salzano consideram a possibilidade de patenteamento remota. "Os índios não têm doenças genéticas nem genes diferentes", observa Pena.

Integrantes da Fundação Nacional do Índio (Funai) desconheciam a pesquisa e a possibilidade de se comprar amostras por meio da Coriell Cell. A denúncia sobre a possível venda de DNA de índios pela Internet foi encaminhada para o Conselho Nacional de Saúde. Por lei, antes de entrar em qualquer reserva, os pesquisadores devem fazer uma solicitação oficial à Funai.

Fácil acesso: material genético de índios suruís pode ser comprado pela rede de computadores Internet

Coletas são feitas há mais de 30 anos

A transferência de amostras de sangue e de DNA de indígenas do Brasil para institutos nos Estados Unidos ocorre há pelo menos 30 anos. Um comunicado da Fundação Internacional para o Desenvolvimento Rural (Rafi), em abril deste ano, informa que o Instituto Nacional do Câncer norte-americano tem amostras de sangue de adultos de 13 tribos isoladas da América do Sul e Central. O estudo, publicado num jornal médico em julho de 1992, informa que amostras de cerca de 10 mil indígenas de áreas remotas do Brasil, Venezuela, Costa Rica, Panamá e Guiana foram coletadas entre 1966 e 1984 para pesquisas.

O estudo informa que foi obtido o consentimento verbal dos participantes, de acordo com as regras do governo norte-americano na época, juntamente com protocolos pré-aprovados pela Universidade de Michigan e o governo brasileiro. O trabalho testou anticorpos de pelo menos sete tribos situadas no Brasil: Caiapó, Krahô, Kanamari, Ticuna, Baniwa, Macushi e Panoa Central.

Segundo integrantes da Rafi, a Universidade de Yale tem 926 amostras de sangue de 703 índios caiapós para conduzir pesquisas relacionadas ao vírus HTLV-II. As amostras foram coletadas entre 1970 e 1991 e o trabalho publicado em 1994. Não consta ali se houve consentimento de índios ou de seus representantes para a coleta de amostras.

(*) Colaborou Verner Uhlmann (Especial/ZH)

Amanhã: pesquisa com DNA dá nova versão à ocupação da América